

MAGALI ALABAU, JESÚS BARQUET,
ALINA GALLIANO, MAYA ISLAS E
JUANA ROSA PITA: VOZES CUBANAS
NOS ESTADOS UNIDOS
(SELEÇÃO POÉTICA)

Elena Palmero González
Universidade Federal de Rio de Janeiro,
UFRJ/CNPq. Rio de Janeiro, Br

Resumo

Quando pensamos no tema das relações literárias interamericanas e especialmente nos vínculos do Caribe com Estados Unidos, a literatura da diáspora cubana dos últimos cinquenta e cinco anos torna-se uma referência imprescindível. A obra poética de Magali Alabau, Jesús Barquet, Alina Galliano, Maya Islas e Juana Rosa Pita é expressiva do vigoroso movimento da poesia cubana produzida nesse contexto geográfico e cultural. Ofereço uma breve seleção da obra dos cinco escritores. Nesse conjunto acedemos à singularidade estética de cada um deles, ao tempo em que também reconhecemos linhas temáticas e estilísticas da poesia cubana contemporânea.

Palavras-chave: Poesia cubana/ Diáspora/ Magali Alabau/Jesús Barquet/Alina Galliano/Maya Islas/ Juana Rosa Pita

Abstract

When we think of the theme of inter-American literary relations and especially of the Caribbean ties with the United States, the literature of the Cuban diaspora of the last fifty-five years becomes an indispensable reference. The poetic work of Magali Alabau, Jesús Barquet, Alina Galliano, Maya Islas and Juana Rosa Pita is expressive of the vigorous movement of Cuban poetry produced in this geographical and cultural context. I offer a brief selection of the work of these five writers. In this group of writers, we accede to the aesthetic uniqueness of each one of them, at the same time in which it is also possible to recognize thematic and stylistic trends of contemporary Cuban poetry.

Keywords: Cuban Poetry / Diaspora / Magali Alabau / Jesús Barquet / Alina Galliano / Maya Islas / Juana Rosa Pita

Resumen

Quando pensamos em el tema de las relaciones literárias interamericanas y especialmente em los vínculos del Caribe con Estados Unidos, la literatura de la diáspora cubana de los últimos cincuenta y cinco anos se torna una referencia imprescindible. La obra poética de Magali Alabau, Jesús Barquet, Alina Galliano, Maya Islas e Juana Rosa Pita es expresiva del vigoroso movimiento de la poesía cubana producida en el contexto geográfico y cultural. Ofrezco una breve selección de la obra de los cinco escritores. En ese conjunto accedemos a la singularidad estética de cada uno de ellos, al tiempo en que también reconocemos líneas temáticas y estilísticas de la poesía cubana contemporánea.

Palabras claves: Poesía cubana/ Diáspora/ Magali Alabau/Jesús Barquet/Alina Galliano/Maya Islas/ Juana Rosa Pita

No contexto da multifacetada literatura da diáspora cubana é possível reconhecer zonas poéticas extraordinariamente incitantes. Oferecemos neste dossiê uma mostra mínima desse universo, através de uma seleção de textos de cinco poetas que desenvolvem sua obra no ambiente geográfico e cultural dos Estados Unidos. Com originalidade, cada um destes autores projeta um coerente universo poético, que esperamos chegue a nossos leitores, ainda que, na brevidade deste espaço e nos limites, sempre injustos, de uma seleção. Agradeço de maneira muito especial às escritoras Magali Alabau, Alina Galliano, Maya Islas, Juana R. Pita e ao escritor Jesus Barquet, que abraçaram com entusiasmo este projeto e enviaram seus textos, em alguns casos inéditos. Foi um privilegio poder orquestrar suas vozes nesta seleção. Meu agradecimento também pelo jubiloso encontro e pela rica interlocução que esta experiência tem me proporcionado. A seguir, apresento algumas coordenadas do trabalho dos cinco poetas (na ordem alfabética, pelo sobrenome) e na sequência a seleção poética preparada especialmente para este dossiê da Revista Brasileira do Caribe.

Magali Alabau nasceu em Cienfuegos (Cuba), em 1945. Em 1966 foi a residir nos Estados Unidos. Mora no estado de Nova York, passou 28 anos em Manhattan e desde 1996 mora

em Woodstock. Fez estudos de teatro na *Escuela Nacional de Arte de Cubanacán*, em Havana e em Nova York continuou estudos de Artes Dramáticas. Também cursou estudos de Filosofia e Religião (*Hunter College*). Até meados da década de 1980 desenvolveu uma exitosa carreira teatral como atriz nas companhias *Greenwich News Theatre*, *INTAR*, *La Mama Experimental Theatre* e também como diretora no *Duo Theater y Medusa's Revenge*. Fundou o *Teatro Dúo/Duo Theatre* com Manuel Martín e *Medusa's Revenge* com Ana María Simo. Depois de ter-se afastado dos palcos, começou a escrever poesia. Até hoje publicou: *Electra, Clitemnestra* (Chile, 1986), *La extremaunción diaria* (Barcelona, 1987), *Ras* (New York, 1987), *Liebe* (Coral Gables, 1993), *Hermana* (Madrid, 1989), *Hemos llegado a Ilión* (Madrid, 1992), *Dos Mujeres* (Madrid, 2011) e *Volver* (Madrid, 2012), além da participação em prestigiosas antologias. Obteve o Premio de Poesia da Revista *Lyra* (Nova York, 1988) e o Premio de Poesia Latina (Instituto de Escritores Latino-americanos de Nova York, 1992).

Jesús J. Barquet nasceu em Havana (Cuba), em 1953. Foi professor no *Instituto Superior Pedagógico* de Camagüey entre 1976 e 1979. Emigrou para os Estados Unidos em 1980, pelo porto de Mariel, radicando-se em New Orleans (1980 a 1991). Obteve Mestrado (1985) e Doutorado (1990) em Espanhol pela *Tulane University*. Durante esses anos trabalhou na *Tulane University* e na *Loyola University New Orleans*. É professor na *New Mexico State University*, em Las Cruces, cidade na que reside desde 1991. Autor dos seguintes libros de ensaios: *Consagración de La Habana* (1991), *Escrituras poéticas de una nación: Dulce María Loynaz, Juana Rosa Pita y Carlota Caulfield* (1999) e *Teatro y Revolución Cubana: Subversión y utopía en "Los siete contra Tebas" de Antón Arrufat* (2002); así como dos libros de poesía: *Sin decir el mar* (1981), *Sagradas herejías* (1985), *Ícaro* (plaquete, 1985), *El Libro del desterrado* (1994), *El Libro de los héroes* (plaquete, 1994), *Un no rompido sueño* (1994), *Naufragios* (1998); *Naufragios/Shipwrecks* (2001), *Sin fecha de extinción* (2004) e a compilação *Cuerpos del delirio* (2010). Tras diez años de trabajo, publicó en 2011 *Ediciones El Puente en La Habana de los años 60. Lecturas críticas y libros de poesía*.

Maya Islas nasceu em Caibarién (Cuba), em 1947 e mora nos Estados Unidos desde 1965. Reside em New Jersey. Obteve um mestrado em Psicologia pela *Montclair State University*. Entre 1985 e 2009 trabalhou como conselheira em *The New School University* (New York), de 2003 a 2011 foi professora em *Baruch College* (New York) e desde 2011 é professora de Escrita Criativa na *University of Houston*, Texas. Autora de: *Sola... Desnuda... Sin Nombre* (1974); *Sombras-Papel* (1978); *La mujer completa* (1985), *Merla* (1991); *Lifting the Tempest at Breakfast* (2001), *Quemando luces* (2004), *Jacobo y sus doce hijos* (edição digital, 2007), *Isla... libro imposible* (edição digital, 2010) e *Canciones asomadas a Rilke* (edição digital 2013).

Alina Galliano nasceu em Manzanillo (Cuba), em 1950. Vive em Nova York desde 1968. Obteve um mestrado na área de Trabalho Social, pela *Fordham University*. Publicou *Entre el parpado y la mejilla* (1980), *Hasta el presente- Poesía casi completa* (1989). Também publicou, sob o título *Otro fuego a liturgia* (Betania, España, 2007) os livros: *Del Tiempo y Otras Puertas*, *La Danza en el Corazón de la Esmeralda*, *El Libro*, *Inevitable Silaba*, *Entre el Marfil y el Agua* e *Litografías a partir del Aire*. Sua obra aparece em múltiplas antologias e publicações periódicas da Espanha, da Argentina e dos Estados Unidos: *Poesía cubana contemporánea* (Espanha, 1986); *Poetas cubanos en Nueva York* (Espanha, 1988); *Americanto* (Argentina, 1988); *El alba del hombre* (Argentina, 1991); *Poetas cubanas en Nueva York / Cuban Poets in New York* (Espanha, 1988); *Paradise Lost or Gained?* (Estados Unidos, 1991); *En el Vientre del Trópico* (1994). Atualmente trabalha em dois livros de poesia, *De las cosas simples* e *Los días que ahora tengo*. Deste último incluímos um poema nesta seleção.

Juana Rosa Pita nasceu em Havana (Cuba), em 1939, mas mora fora da ilha desde 1961. Em Washington fundou a editora de poesia Solar (1976-86) e fez Doutorado em Literaturas Hispânicas (1984). Foi Professora Visitante em *Tulane University* (1989-1992). Sua obra poética tem sido amplamente comentada e traduzida a cinco línguas e incluída em antologias como *New Directions in Prose and Poetry 49* (New York, 1985), *Doscientos años de poesía cubana* (La Habana, 1999), *Voces viajeras*

(Madrid 2002); *Poesía cubana del siglo XX* (FCE: México) e *Cantar de Isla* (La Habana, 2003). Autora de *Pan de sol* (1976); *Las cartas y las horas* (1977); *Mar entre rejas* (1977); *El arca de los sueños* (1978); *Manual de magia* (1979); *Eurídice en la fuente* (1979); *Viajes de Penélope* (1980); *Crónicas del Caribe* (1983); *El sol tatuado* (1986); *Arie etrusche/ Aires etruscos* (1987); *Plaza sitiada* (1987); *Sorbos de luz/ Sips of Light* (1990); *Florecia nuestra/ Biografía poemática* (1992); *Transfiguración de la armonía* (1993); *Una estación en tren* (1994); *Infancia del Pan nuestro* (1995); *Tela de concierto* (1999); *Claves de siglo nuevo* (2001); *Cartas y cantigas* (2003); *Pensamiento del tiempo* (2005); *El ángel sonriente/ L angelo sorridente* (2013) e *Puentes y plegarias/ Ponti e preghiere* (2015).

Seleção Poética

MAGALI ALABAU

HOJAS

¿Quién llora cuando las hojas caen,
cuando el agua sin cesar las ahoga,
y revuelven la tierra
acunando gusanos moribundos?
El invierno tiene colores que olvidamos.
El rojo que grita,
el amarillo enfermo,
el negro que es ceniza.
Aunque lleve en la cabeza tantos mundos
uno solo es el que uno habita,
nos saca un litro de sangre,
nos tira de perfil y de frente una fotografía,
nos toma las huellas digitales.
Uno pasa de cola en cola, de fila en fila,
dándole a la espera otro nombre.
Medimos lo que no nos falta
por esa libertad sin condiciones.
Una entrevista más, unas declaraciones,
juramentos a otras estructuras.
Después de tanto procesarnos
no nos queda nada de los sueños.

Dicen que soñar no cuesta,
yo diría, sin pensar, cuesta la vida,
los minutos gastados, el trote,
las pequeñas mentiras.
Inventamos personajes que no existen,
declararlos, imposible.
Se cansa uno de tantos pedacitos,
pensar en algo, saltar a otro capítulo.
¿Por qué no una novela?
Actuar en el teatro de teatros.
Vestirnos de otras modas.
Buscar un escenario y no un apartamento.
Los muebles son los *props*,
la mesa que arrojaron en la calle,
la silla sin patas, tan perdida
en medio de multitudes y desprecios.
Estarían entonces justificados los pedazos.
El rompecabezas obtendría forma.
El teatro tira para un lado, te tuerce
y hace que te crezcan las pestañas.
Te pinta de rubia,
te pone morado cada ojo.
Eres tú, soy yo, interpretando.

(Inédito)

DEVUÉLVEME LA VIDA

Devuélveme la vida.
Hazme nacer unos brazos
que destilen permanencia,
quítame la cubierta
que me encontré en el bosque.
Quítame el adiós de la boca,
el adiós de los días,
el verdugo.
No me obligues
a decir adiós a los pequeños
habitantes de la tierra mojada,
a los rieles del tren
que no pasaron
con esos pasajeros

sino otros.
Adiós que sin saber
repetían los cuentos,
que no nos avisaba
sus siniestras intenciones,
que sabía el desenlace,
que no hablaba.
Ese adiós que prepara la mortaja
lluviosa del día,
que no sospecha
los detalles, que convierte
tu pecho en un hervidero
de cal a punto de voltearse.
Si hubiésemos tocado el pecho
pulsando
al sobresalto,
la ruptura no fuera posible
ni ese adiós de los cuartos
cuando quedan vacíos
y sin explicaciones
con maletas y maletas
que resbalan.

Decir adiós cuando
las flores del jardín
no se han cuidado,
como si el interés
por los detalles
se hubiese
vuelto estéril,
y la única forma vigente
fuera la impaciencia.
Nacer de nuevo,
olvidar que fuimos el cuchillo,
la lanza
y el enterrado vidrio.
Olvidar que planeamos
la muerte de los otros,
sin pensar,
machacando las piedras
del camino.

De: Volver (2012)

JESUS BARQUET

COPLAS POR LA MUERTE DE MI PATRIA

nacer es aquí una fiesta innombrable.

José Lezama Lima

Ya la patria no es nada:

Ni un recuerdo, ni un anillo, ni los padres
aquellos
que alguna vez se amó
y que por compasión la tierra
acabó por tragarse.

Ni la playa desde la cual venía a contemplarnos
el ideal,
pues otras playas del mundo se nos han interpuesto
y sus aguas enturbia malsanamente la memoria, esta
torpe insistencia de la nostalgia
en que no debemos confiar.

Ni aquellos callejones y azoteas desérticas
donde hacerse al amor
ahora que tantas calles del mundo nos han transitado.

Ni la cobriza turgencia de una piel cuya ausencia
disímiles pigmentaciones nos llevó a conciliar.

Ni la sorpresa que ahora dudamos si lo fue.
Ni aquel viento conforme y escaso, milagro
únicamente concedido al llegar junto al mar.

Ni siquiera la infancia, prematura vejez asumiendo
una falsa inocencia y ocultando su espanto.
Ni tampoco esas cuatro letras que podría
pronunciar aquí como un conjuro o un bálsamo
serán más nunca mi patria,

aunque consten en toda acta oficial y nacer
fuera allí
alguna vez, para alguien,
una fiesta innombrable.

De: *El libro del Desterrado* (1994)

NEW MEXICO

Aquí vislumbro campo, y viviré.
José Martí, New York

He venido a quedarme detenido,
fijo en el aire, que no pasa,
en un espacio donde no me reconozco
sino por negación.

Esas montañas
no serán nunca los Andes, esas arenas
nunca serán el Sahara, ese río
aunque sucio también y mal interpretado
jamás será el Almendares ni yo
—este lugar que constituye mi cuerpo—
podrá hacerme ser aquí
el que una vez era.

Algo
que hoy sólo puedo concebir como un viaje
por mares y ciudades e historias
me ha depositado aquí sin yo haberlo esperado,
en un aquí que únicamente me afirma
por negación.

De: *Naufraios* (1998)

ALINA GALLIANO

XII

Por centésima vez te reconoces,
habitas de tus sílabas el nombre,
muerdes la curvatura del olfato,
el punto irreversible donde
la furia de existir se abraza
a tu cintura como un voraz amante
que por primera vez
te desfabrica el sueño
o te enseña la cara
más difícil del insomnio;
agudizando de manera brutal
el rito seductor de las cortinas,
desmintiendo la calma del paisaje,
el olor de la piña o su posible;
porque te sabes el corazón
sin fin de los cadalsos,
la zona donde el vivir coquetea
con el cuello de todos los minutos,
demarcando la sincronía de tus pasos
mientras giras, sin prisa,
en antiguo espiral
el vals interminable de las pérdidas
o te adelantas a esa terrible ingravidez
que precede la trilogía de las aguas
cuando entre el mar y tú,
el tiburón de la memoria
acorta la distancia
para que seas por virtud del instante,
un bocado de príncipe estableciendo, así,
tu identidad de nuevo con el trópico.
Quién es capaz de sollozar a esa hora
cuando la angustia de vivir lo ajeno
como un cuerpo descansa entre tus sábanas,
esperando porque tu lengua,

con destreza animal,
reconozca las viejas cicatrices
y en un alarde tierno frente al miedo,
te provoque las ganas.
O quién podría, por centésima vez,
tocarse el párpado,
sin degollar la imagen del espejo.

De: En el vientre del trópico (1994)

4

De Campechuela ya no queda nada,
ni siquiera la gente que me fue conocida,
tampoco quedan casas donde creció mi infancia
y desaparecieron los amigos,
los que fueron parte de esa estructura,
donde la vida supo moverse alegremente,
contando papalotes, nubes o auras tiñosas,
los de dos de los pies o de las manos,
eran tiempos aquellos de mi pueblo
donde se respiraba otro color más vivo
y se tenía una cierta consciencia de personajes
tocados por un aire de misterio,
personajes que sólo por el nombre
eran reconocidos donde quiera,
como Zoila, la que vendía escobas, trapeadores, plumeros:
negra como los culos de las ollas que se ponían directas
sobre el fuego,
también estaba Pepecito el loco,
Cabrales con su saco de tubérculos y limones
que los vendía de un extremo al otro y en una sola calle,
para evitar dar vueltas como un trompo
o quizás de manera inteligente
discurría que el trópico jamás es elitista
y puede derretir sin miramientos
con su discurso de calor a un vivo.
Mi pueblo que tenía un parque con glorieta estilo árabe

y pinos y canteros de cortos,
el busto de Martí, del General Massó,
quizás el de Ignacio Agramonte, el de Maceo
y algo conmemorativo
para dar homenaje a las mujeres,
por eso de parimos;
había dos cines que hacían muchas veces de teatro,
allí me tropecé con Lola Flores, Sara Montiel, con
Dolores del Río,
María Félix, Pedro Armendáriz,
películas francesas, americanas,
luego vinieron las rusas, las polacas
y vinieron también esas películas
que jamás se entendieron o daban pie con bola.
En fin las cosas y la gente se fueron disolviendo
y de ellas sólo quedan metáforas,
cortometrajes indefiniendo el tiempo
que a veces pulveriza la retina.

De: *Los días que ahora tengo* (inédito)

MAYA ISLAS

SIEMPRE

(versión dos)

Siempre redondos como el sol
siempre en ángulo como la espada
siempre como un dios, como la virgen
que deja caer su óvulo en donde
la madera y las palomas vuelan.

Siempre la voluntad, furiosamente hablando
siempre el mito transparente
la voz
con sus ráfagas de muertos cantándole a los cuerpos
que dejan en la llanura
brisa y agua para ser de nuevo.
Siempre la puerta urgente,

de cualquier mal que se presente a tocar tu puerta.

Has sido columna,
el mejor edificio de colores dentro del corazón;
suave el aliento, te deslizas con rumor de alas
que no dicen nada ante el gesto transparente de la vida.

Entonces te pregunté
sobre la paz que comenzaste a conocer
cuando los tuyos buscaron un espacio
para poner sus almas.

Mientras explorabas las formas que te rigen,
y la oración que perseguiste en los espacios,
la figura incandescente de las furias
levantaron vuelo cuando fue necesario.

Desde este árbol logro todos tus deseos
para entregarte una sombra que contenga otra luz
sobre la ciudad que habitas.

El río en la boca diluye tu peregrinaje,
ya has visto la sed de la mujer ante el misterio de la
fuente
que, en vez de agua,
emite fuego.

(Inédito)

JUANA ROSA PITA

EL CAMINO DOBLE

No basta la intemperie:
yendo por dentro, las estrellas quedan
a distancia de beso. En el pasado,
baúl de cosas sin sentido,
no caen jamás esos momentos
eternos al nacer, volcados

(es nuestro todo lo que vive)
a juegos de arte en que la vida esplende.

Caminando por mí, al frescor del tiempo
se asoman (si hay paciencia)
las presencias queridas, conjugadas
en presente con lúcida emoción:
palabra y sentimiento vivos.
El portal de La Habana linda entonces
con la calle que a ti me lleva,
a la vista de todos, cada día.

También por dentro yendo, veo mejor
lo que dicen tus gestos cuando pasas,
tus rápidas miradas al volverte.
Tus palabras rodeadas de silencio
ni se escapan ni vuelan al azar:
siémbranse en buena niebla del camino
que dentro de mí se abre y traza estelas
dejándome abrazada a lo que pierdo.

De: Puentes y plegarias/ Ponti e preghiere (2015)

FISIOLOGÍA DEL MILAGRO

Aunque era la física mi fuerte,
a la hora de escoger camino
sorpresivamente abracé letras.
En la palabra era el misterio
de volver la expresión un manantial:
entrelazar sentir y pensamiento
desafiando la soledad profunda.

Creo que de muchacho diste
una vuelta al contrario: ya poeta,
más te atraía el misterio de la física,
por amor de lo abstracto
zambullirte en la realidad en busca

Elena C. Palmero González

de la lengua para expresar
una apremiante teología nueva.

Cada uno en su mundo,
queríamos despertar corazones durmientes.

Y entretanto Dios sonreía
ante la suma improbabilidad
de nuestro encuentro para unir las fuerzas
sobre el puente colgante entre poesía y ciencia,
sabiendo que lo lograríamos (con el tiempo)
en lo invisible: a la par forjados
con idéntico amor a la belleza.

De Legendario 'entanglement' / El cuerpo del secreto

(Inédito)